



XI Curso de Verão da Ericeira

Programa do XI Curso de Verão

Carta aberta a Galileu

Pedido de ajuda do Brasil

Colaboração da ADDPCTV

Uma fotografia Ericeirense

Em jeito de Editorial...

Aproxima-se o Verão e, como é habitual, esta é a época em que o ICEA desenvolve mais actividade. No mês de Maio ocorreram, com grande sucesso, as duas conferências programadas: a 16 de Maio, numa sessão conjunta com a Academia Portuguesa da História, abordou-se “Da Monarquia Constitucional à República”; a 30 de Maio, numa sessão conjunta com a Academia de Marinha, e em Ano Internacional da Astronomia, celebraram-se os 400 anos das primeiras observações de Galileu Galilei.

Em Junho e Julho decorre o XI Curso de Verão, que em ano de comemorações - os 830 anos da Bula *Manifestis Probatum* e os 780 anos do Foral da Ericeira - aborda o tema da CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES.

Estes e muitos outros assuntos fazem este NotICEAs.



XI Curso de Verão da Ericeira

A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADE – Os 830 anos da Bula *Manifestis Probatum*. Os 780 anos do Foral da Ericeira



Responsabilidade Científica:

Prof^a Doutora Manuela Mendonça

Prof^a Doutora Margarida Garcez Ericeira

20.JUN.2009

Prólogo - Identidade? Mas está tudo no BI...

Prof. Doutor Manuel Canaveira (Faculdade Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa / APH)

Local: Auditório da Casa da Cultura Jaime Lobo e Silva, Ericeira

Programa do XI Curso de Verão

17.JUL.2009

10:00 - Acolhimento dos participantes e registo.

10:30 - Apresentação das Actas do X Curso.

10:45 - SESSÃO DE ABERTURA:

O Sentido da Bula Manifestis Probatum - Prof^a Doutora Manuela Mendonça (Presidente da Academia Portuguesa da História)

Debate

11:30 - Pausa para café

12:00 - **A consciência nacional portuguesa nos finais da Idade Média** - Prof^a Doutora Margarida Garcez (Faculdade de Letras de Lisboa / APH)

Debate

13:00 - Almoço (sujeito a inscrição)

15:00 - **A Expansão Marítima Portuguesa na Formação do Estado Moderno** - Professor Doutor José Marinho dos Santos (F. L. Coimbra / APH)

Debate

16:00 - **O problema da reconstituição do Estado português no século XVII** - Prof^a Doutora Ana Leal de Faria (FLL / APH)

Debate

Visita de Estudo

18.JUL.2009

10:30 - **António Lino Neto: um municipalista católico** - Mestre Teresa Nunes (Centro de História da Universidade de Lisboa)

Debate

11:30 - Pausa para café

12:00 - **O foral da Ericeira como reconhecimento de identidade** - Prof. Doutor Armando Martins (FLL / APH)

Debate

13:00 - Almoço (sujeito a inscrição)

15:30 - SESSÃO DE ENCERRAMENTO:

Os Concelhos nas Cortes medievais: uma expressão das identidades locais - Professora Doutora Maria Helena Coelho (FLC / APH)

16:30 - Concerto pelo Quinteto de Metais (Filarmónica Cultural da Ericeira)

Mais informações: <http://www.icea.pt/Eventos.htm>



Carta aberta a Galileu

Nas palavras de abertura da conferência dedicada aos 400 anos das primeiras observações de Galileu, o nosso Presidente de Direcção, Dr. José de Freitas “surpreendeu” os presentes ao ler uma “Carta Aberta a Galileu”. Merece a pena lê-la:

Meu caro Galileu Galilei

Escrevo-te esta carta aberta porque os convites que te enviei para Pádua, Pisa, Florença e Veneza, vieram devolvidos, como já esperava.

Neste Ano Internacional da Astronomia, comemorando os 400 anos das tuas primeiras observações astronómicas, ficas a saber que o ICEA em parceria com a Academia de Marinha associam-se a essas comemorações com o colóquio que vão realizar aqui na Ericeira.

São várias as razões pelas quais gostaríamos que estivesse aqui connosco neste dia 30 de Maio de 2009. Desde a pequena curiosidade, talvez até alguma bisbilhotice, até à magnífica conversa que poderias ter com os nossos oradores convidados, também eles cientistas, e com todos os presentes neste Auditório da Casa de Cultura Jaime Lobo e Silva, na nossa Ericeira.

No que respeita a curiosidades, muito haveria a perguntar sobre a tua vida privada - o que faria as delícias da chamada imprensa côr-de-rosa ou sensacionalista. Desculpa eu ter usado estas designações, possivelmente desconhecidas para ti, mas caso tivesses aparecido eu traria alguns exemplos deste tipo de imprensa, que proliferou no século vinte. Ias perceber como a tua vida seria um manancial para eles!

Sobre assuntos mais sérios podias esclarecer-nos relativamente a aspectos que têm suscitado muitas dúvidas. Enuncio-te alguns exemplos:

- fizeste efectivamente alguma experiência na Torre de Pisa sobre a queda dos corpos?

(parece ter sido uma invenção da imprensa sensacionalista da tua época!)

- como utilizaste o conceito de mecenato (dedicaste-o a Cosimo de Médici) no desenvolvimento do teu Compasso Geométrico e Militar e respectiva “comercialização?

(parece que ao fim de 4 séculos as coisas não mudaram muito!)

- como foi que tu e Paolo Sarpi orientaram as coisas para apresentarem o teu Telescópio ao Doge e ao Conselho de Veneza antes de Hans Lippershey, o seu verdadeiro inventor?

(parece que também aqui temos uma história do século vinte e um!)

- pertenceste, se existiu ou existe, à sociedade secreta “Illuminati”, popularizada recentemente pelo romance “O Código da Vinci” que a Igreja Católica ajudou a aumentar as vendas, ao tecer, no mínimo, duras críticas ao seu conteúdo?

(parece que ao fim de quatrocentos anos estamos quase na mesma!)

- no teu livro “Diálogo sobre os dois Grandes sistemas do Mundo” o Simplício era mesmo o Papa Urbano oitavo?

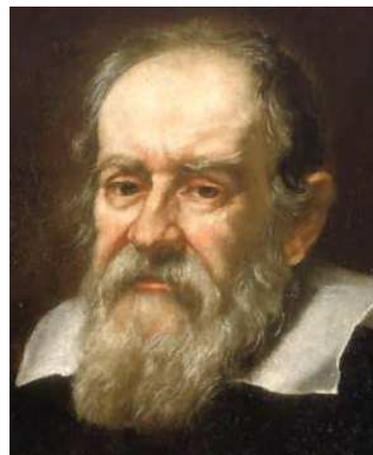
(parece que foste muito atrevido ou inconsciente com a criação desta personagem!)

- que relações científicas, documentais, pessoais ou epistolares, tiveste com estudiosos ou académicos portugueses como por exemplo Rodrigo da Fonseca, que parece que te ensinou Lógica na Universidade de Pisa, ou ainda Manuel Bocarro Francês e o quase português Cristóvão Borri?

(parece que terás omitido na tua vida algumas coisas por...”esquecimento”!)

- e, para terminar, a frase “Eppur si move!” (E no entanto ela move-se!) é apenas lenda?

(parece que uma versão, possivelmente mais real, diz que apenas cruzaste os dedos atrás das costas!)



Outra razão importante para estares hoje aqui. Um dos nossos convidados, o professor Henrique Leitão, está a ler e a analisar, segundo informações que nos chegaram, o livro chinês com o título “Tien Wen Lueh” (“Tratado de Questões sobre os Céus”) da autoria do padre jesuíta português Manuel Dias e publicado na China em 1615. Este livro descreve todas as descobertas que tu apresentaste no teu livro “Siderius Nuncius” em 1610. Já imaginaste o jeito que dava ao nosso convidado estares aqui?

Estava ainda a pensar colocar à direcção do ICEA, caso tivesses aparecido, fazermos uma viagem contigo às Canárias, ao Observatório Astronómico de Roque de Los Muchachos, onde vai ser inaugurado o maior telescópio do mundo. A inauguração está marcada para o dia 24 de Julho deste ano, quando se completam os 40 anos da viagem do Homem à Lua. Esta informação - um homem na Lua - não é brincadeira e muito menos uma cilada para te apanhar cá. Já fomos à Lua, Galileu! Não te esqueças, que já passaram 400 anos desde que viste essa mesma Lua pelo teu telescópio.

Gostaria, antes de terminar esta carta aberta, de te dar a conhecer parte de um poema que te foi dedicado por um cientista/poeta que, eu sei, tinha um grande apreço por ti, e eu um grande respeito e admiração por ele, pois foi meu professor, numa escola com um nome que te diz com certeza alguma coisa: Pedro Nunes.

“Estou olhando o teu retrato, meu velho pisano,
aquele teu retrato que toda a gente conhece,
em que a tua bela cabeça desabrocha e floresce
sobre um modesto cabeção de pano.
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da tua velha Florença.
(Não, não, Galileo! Eu não disse Santo Ofício.
Disse Galeria dos Ofícios.)
Aquele retrato da Galeria dos Ofícios da requintada Florença.

Eu queria agradecer-te, Galileo,
a inteligência das coisas que me deste.
Eu,
e quantos milhões de homens como eu
a quem tu esclareceste,
ia jurar - que disparate, Galileo!
- e jurava a pés juntos e apostava a cabeça
sem a menor hesitação—
que os corpos caem tanto mais depressa
quanto mais pesados são.
Pois não é evidente, Galileo?
Quem acredita que um penedo caia
com a mesma rapidez que um botão de camisa ou que um seixo da praia?

Esta era a inteligência que Deus nos deu.

Ai, Galileo!
Mal sabiam os teus doutos juizes, grandes senhores deste pequeno mundo,
Que assim mesmo, empertigados nos seus cadeirões de braços,
andavam a correr e a rolar pelos espaços
à razão de trinta quilómetros por segundo.
Tu é que sabias, Galileo Galilei”.

Este poema para ti, que és um cientista, foi escrito por Rómulo de Carvalho. Para mim, prefiro dizer que foi escrito por António Gedeão.

Realmente tu sabias Galileu! Sabias bem, que a Ciência é uma das maiores aventuras e proezas da mente humana e, que a sua linguagem iria ser matemática. No entanto, também sabias que não era fácil para a auto-estima dos homens aceitar que não estavam no centro do Mundo. Tu deste um violento golpe no amor-próprio da humanidade, mesmo sem recorrer a qualquer argumentação teológica. É certo que não foste o único a fazê-lo ao longo dos tempos.

Dizer a verdade ao poder, a qualquer poder, é possivelmente o mais antigo dos desafios éticos que se coloca ao homem nas suas múltiplas tarefas em sociedade.

Acredita Galileu Galilei que ainda hoje há muita gente que se julga o centro do mundo! Mais, muito mais o centro do universo. A arrogância e o pretensiosismo continuam a ter muitos praticantes!

No caso de não perceberes o que quero dizer com Universo, pode ser uma razão para tu apareceres. Temos provavelmente assunto para muitas horas de conversa ou, talvez fazer outro colóquio aqui mesmo.

Teu amigo ericeirista

Ericeira, 30 de Maio de 2009

Um pedido de ajuda vindo do Brasil

Do nosso amigo Rogério Pinheiro Leal Nunes recebemos este mail. Será que alguém o pode ajudar? Envie-nos o seu contributo (gic@icea.pt) que nós o faremos chegar ao Brasil...

Caros,

Comecei a organizar uma exposição sobre a Colônia Nova Ericeira, com fotos, objetos antigos e informações das cidades que faziam parte da Colônia aqui no Sul do Brasil. O foco principal é a pesca. Por esse motivo envio este e-mail. O senhor poderia me ajudar ou indicar alguém aí na Ericeira que possa fornecer fotos de alta-resolução sobre pescadores e embarcações atuais e antigas. Preciso de uma foto de cada. Outra coisa é sobre a cultura da Ericeira. Quais são as principais manifestações culturais da Ericeira? A previsão é que a exposição sobre a Colônia Nova Ericeira aconteça no mês de Outubro deste ano.

Abraços a todos do NotICEAs e obrigado.

Rogério Pinheiro Leal Nunes.

Colaboração da ADDPCTV

IX - “BRILOS”: UM ENIGMA HISTÓRICO

*Pedro Fiéis **

O primeiro confronto entre ingleses e franceses no que ficou conhecido como Guerra Peninsular, ocorre em território português, mas a sua localização exacta esteve desde sempre envolta em algum mistério, decorrente do nome dado à escaramuça - “Brilos”.

Surgiram em dois séculos de História as mais variadas teorias sobre o local, umas mais fundamentadas do que outras, tendo a maioria apenas um aspecto em comum: a existência de um moinho. Recapitule-se entretanto o desenrolar dos acontecimentos, para uma melhor compreensão do mesmo.

No dia 14 de Agosto de 1808, o exército anglo-português chega a Alcobaça onde pernoita. No dia seguinte, o general Wellesley, sabendo que os franceses se encontravam na zona das Caldas da Rainha, ordenou o avanço de duas companhias do 60º regimento e outras duas do 95º, unidades de atiradores de elite, que deveriam reconhecer o terreno.

Por seu turno o general Delaborde que comandava a primeira divisão do Armée du Portugal, enviada ao seu encontro, havia destacado seis companhias para um moinho numa elevação perto de um curso de água, com o objectivo de vigiar a estrada que ligava Caldas a Óbidos.

Os ingleses, apesar das ordens em contrário, entusiasma-se ao conseguirem numa primeira fase surpreender o inimigo, forçando-o a recuar e iniciam uma perseguição que só termina junto às muralhas de Óbidos, quando outras companhias francesas se juntam à refrega, disparando um intenso fogo cruzado, que logo ali causa 27 mortos e feridos entre os ingleses, incluindo 2 oficiais. Só com a chegada da brigada do general Spencer é que finalmente os franceses abandonam a sua posição, terminando por esse dia os combates.

Para mais detalhes temos que consultar autores como Oman, por exemplo, que nos refere os 3 factores que

devem orientar a busca: - Uma elevação com um moinho; - Uma linha de água, mas excluindo o Rio Real; - A existência de uma estrada real. Os autores portugueses da época seguem todos a descrição dos ingleses, não mudando sequer o nome, daí os mapas não ajudarem muito. Apesar disso, pode-se excluir desde logo os moinhos mais próximos da vila de Óbidos, nomeadamente o do “Facho”, situado na ponta Sul da vila e o dos “Arrifes”, a Leste, apontado pela tradição popular como o palco dos eventos, mas longe da estrada e de um curso de água. Uma Carta Topográfica do Reino de 1867 e o Atlas de James Wyld de 1840, são os elementos finais a consultar antes de uma ida ao terreno. No segundo documento, este primeiro confronto é colocado a meio caminho, entre as duas localidades já citadas e no primeiro podemos constatar a existência de uma estrada real que partindo por detrás do actual quartel militar, nas Caldas, segue em linha recta pelo vale e passa pelo Bairro de Nossa Senhora da Luz e pela Ermida de Santo Antão, desembocando junto às muralhas a Norte de Óbidos.

* Historiador torriense, co-autor do livro *A Primeira Invasão Francesa - As Batalhas da Roliça e do Vimeiro*, ed. Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 2005

Esta é uma estrada que ainda existe nos nossos dias, seguindo um percurso paralelo à actual nacional e o Bairro é uma localidade muito antiga, na época pouco povoada, mas já contando com uma igreja, defronte da qual existe numa colina e perto de um curso de água, um moinho.

Reside então aqui a chave para a resolução do problema, uma vez que todos os factores já descritos se conjugam e se hoje em dia a vista se encontra um pouco obstruída, os habitantes locais mais idosos ainda se lembram de duas condicionantes muito importantes e que eram ainda uma realidade na primeira metade do século XX. A primeira eram os pântanos que existiam na zona, ou seja, ninguém se aventurava para muito longe dos caminhos conhecidos e a segunda era a vista nítida para a saída Sul das Caldas da Rainha.

Por tudo isto o Bairro da Senhora da Luz configura-se como a hipótese mais provável para a localização de “Brilos”, evento de pouco relevo na época, mas de grande importância para quem hoje em dia estuda a época.

X - A BATALHA DE DOIS PORTOS

*Venerando Aspra de Matos **

No dia 9 de Outubro de 1810 o exército aliado chegava às Linhas de Torres. Com a chuva caída no dia 7 ou 8, conforme as fontes, encheu-se rapidamente o lado direito do rio Sizandro “tornando-se pelo lado de Torres Vedras n’um formidável obstáculo defensivo sobre o flanco esquerdo da citada linha, não lhe restando então em toda ella, desde o Oceano até ao Tejo, mais do que um intervalo de duas leguas e meia, (...) não fortificado, ao sul do valle de Runa, entre a villa de Torres Vedras e Monte Agraço” (1).

Entretanto, fustigadas pelo mau tempo, as tropas francesas iam-se aproximando lentamente das Linhas, cuja existência só ficaram a conhecer no dia 11.

No dia 12 marchou a vanguarda do exército francês para Vila Franca de Xira, “tomando lá as posições que julgou convenientes, distribuindo as tropas pela dita villa, por Povos e Castanheira (...)”, conquistando o Sobral.”Para além de Runa, a serra do Barregudo e os fortes que se tinham levantado em Torres Vedras não permittiam ao marechal Massena movimento algum de flanco por aquelle lado, não lhe restando portanto mais que a possibilidade de dispor as suas tropas entre Villa Franca e o Sobral (...)”. O “oitavo corpo, cuja frente se achava para diante do Sobral”, ocupou as “menores alturas da citada serra do Barregudo, e” guarneceu “as duas margens do rio Sizandro até “Dois Portos “sobre a estrada de Runa”. (2)

É na sequência deste posicionamento que tem lugar, em 13 de Outubro, a chamada “batalha de Dois Portos”.

O combate foi travado entre as tropas de um dos postos avançados das Linhas Torres Vedras, e uma “considerável força inimiga”, que, na tarde do dia 13, avançando sobre o mesmo posto, provocou a batalha. Nela participaram, pela parte aliada, duas companhias do regimento n.ºs 11 e 23. (3) Sabe-se que a posição definida para esses regimentos era, respectivamente, a Portela e a Patameira, entre as posições da Ribaldeira e do Sobral. (4)

O registo dessa batalha deve-se à memória anónima de um oficial português que a ela assistiu:

“(…) fomos de madrugada formar para o outro lado da ponte de Dois Portos, a qual, assim como outra que ha do lado direito, estão já minadas para saltarem em caso de necessidade. Sendo já dia claro [13 de Outubro] retirámo-nos para os quartéis. Pelas duas horas da tarde, tendo-se percebido já que os francezes tentavam algum reconhecimento pelo lado do Sobral, para onde tinhamos as nossas avançadas, principiou-se a ouvir fogo, entre elles e uma avançada ingleza que havia á nossa esquerda: viu-se que um

forte corpo de tropas francezas, tomava uma altura junto a um moinho. (...) A poucos minutos principiou o fogo com os nossos, pois que os estrangeiros [ingleses] se tinham retirado; e tanto valor mostravam as nossas tropas, que obrigaram os francezes a desistir da tentativa depois de bem destroçados. (...) Tivemos a sensível perda do coronel Harvey commandante da brigada, que na acção ficou ferido, a ponto de lhe ser necessario ir tratar de si com todo o cuidado. (...) À noite tornou o inimigo para as suas antigas guardas; nós não baixámos: fizemos saltar as pontes.” (5)

No dia seguinte ainda se registaram alguns recontros esporádicos à volta do Sobral, chegando nesse mesmo dia o grosso do exército francês. Depressa os franceses se aperceberam da impossibilidade de se movimentarem mais para sul, lutando desesperadamente contra a falta de mantimentos.

Rotos, esfomeados, aossados pela guerrilha, os franceses comandados por Massena iniciaram a 15 de Novembro a retirada da frente das Linhas de Torres.

* Professor

Nota:

(1) Simão José da Luz Soriano, Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal - segunda epocha - guerra peninsular, tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874, pp. 217-218

(2) Simão José da Luz Soriano, Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal - segunda epocha - guerra peninsular, tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874, pp. 236 e 237

(3) Claudio de Chaby, Excertos Historicos e Collecção de Documentos relativos á Guerra Denominada da Peninsula (...), Lisboa, Imprensa Nacional, 1871, vol. III, pp.237-238.

(4) Simão José da Luz Soriano, Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal - segunda epocha - guerra peninsular, tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874, p. 222.

(5) do diário de um oficial do exército português, iniciado a 31 de Outubro de 1807 e citado por Claudio de Chaby nos Excertos Historicos e Collecção de Documentos relativos á Guerra Denominada da Peninsula (...), Lisboa, Imprensa Nacional, 1871, vol. III, pp.245-246.

Uma fotografia Ericeirense



A propósito do pedido de ajuda do nosso amigo Rogério Nunes, que tal “recordar” a praia dos Pescadores cheia de barcos, peixe e... pescadores!

Parece que os estamos a ouvir: “Ala-arriba! Ala-arriba! Ala-arriba!”

Quantos anos terá esta fotografia? 60, 70 anos? Talvez...

ICEA – Instituto de Cultura Europeia e Atlântica

Rua Eduardo Burnay, nº 24 Cave Esq.
2655-370 ERICEIRA

www.icea.pt

Tel: (+351) 261 863 667

Fax: (+351) 261 866 736